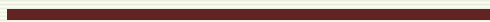


Entrevista 07

Colaborador: Dr. Delvo Ferraz da
Silva

“Segundo a medicina tradicional chinesa e a filosofia taoísta, o caminho da evolução não é uma reta, ele sofre altos e baixos. Nós estamos oscilando, temos altos e baixos, idas e vindas...”



Dr. Delvo é graduado em Psicologia pelo Instituto Metodista de Ensino Superior (SBC), pós-graduado em Fisiologia Humana aplicada a Medicina pela Faculdade de Medicina do ABC, especialista em acupuntura pela Sociedade Brasileira de Psicologia e Acupuntura (SOBRAPA). Atualmente é presidente da SOBRAPA e fundador do Instituto de Psicologia e Acupuntura Espaço Consciência.



Os encontros, realizados no ambulatório do Instituto de Psicologia e Acupuntura, foram magníficos. O fascínio pelos conceitos da Medicina Tradicional Chinesa, a dedicação e identificação com a acupuntura, o compromisso com o outro, a intensa atividade política e as reflexões críticas caracterizam a narrativa obstinada e serena do Dr. Delvo.

Meu nome é Delvo Ferraz, sou psicólogo e iniciei minha atividade no posto de saúde localizado no bairro de Itaquera, extremo Leste da cidade de São Paulo, em 1987. Minha formação em Psicologia teve duração de cinco anos, no quarto ano houve uma seleção para estagiário na Prefeitura da cidade de São Paulo e eu fui aprovado. Posteriormente, quando estava terminando o quinto ano, teve uma seleção pública para psicólogo, eu prestei e entrei como psicólogo. Então, fui deslocado para este posto na periferia onde iniciei todo um trabalho... Este bairro tem mais habitantes que muitas cidades do Nordeste... Havia somente um posto de saúde encravado neste bairro.

Eu iniciei a aproximação com as práticas alternativas tentando entender que peso elas tinham para população daquela região. Eu achava curioso, por exemplo, as pessoas se dirigirem a curadores e não ao posto de saúde recém-inaugurado... Eu fazia parte de uma equipe muito nova do posto de saúde e eu queria entender como era o universo das práticas, na época, alternativas... Eu fui tendo contato com líderes comunitários e pessoas que eram procuradas quando alguém tinha algum sofrimento físico ou emocional.

Busquei apoio na universidade e entrei em contato com alguns pesquisadores de fitoterápicos para entender melhor este universo. Nós organizamos o encontro dessas pessoas da comunidade com esses pesquisadores... Houve uma grande troca do pesquisador que buscava conhecer um pouquinho da história popular daquelas ervas, chás e remédios caseiros e ao mesmo tempo o pesquisador devolvia para comunidade o resultado dos estudos... Às vezes a pessoa usava três, quatro ou cinco ervas, e o princípio ativo estava presente em duas ou três; às vezes eles também levavam um susto, tinham ervas que não apresentavam um determinado princípio ativo e mesmo assim funcionavam...

Eu fui tentando entender como a ciência não se aproximava daquela região... seja aquela que eu tinha aprendido, seja alopatia ou outros recursos. As pessoas iam quatro horas da manhã no posto para uma consulta médica, recebiam a receita e não tinham dinheiro para comprar o remédio... Havia vários papezinhos jogados, que percebi que eram receitas e achei estranho, afinal a pessoa tinha ido quatro horas da manhã, conseguido uma consulta e jogava a receita fora? Eu juntei essas receitas e fui tentar descobrir o que estava acontecendo. Elas não tinham acesso à farmácia, não tinham dinheiro e, conseqüentemente, não conseguiam o remédio. Eles queriam apenas a confirmação de um diagnóstico para procurar a senhora X ou a senhora Y... Achei interessante esse 'casamento', isso estava acontecendo na prática ali; esta situação fez com que me aproximasse desse tipo de assunto.

Passado um tempo, tive acesso à medicina tradicional chinesa, particularmente a acupuntura. Eu aprendi um pouco sobre a acupuntura com as pessoas que faziam na região e acabei me encantando. Eu sistematizei a minha formação na Associação Brasileira de Acupuntura, com o Professor Evaldo Martins Leite. Posteriormente, com esse conhecimento mais sistematizado, eu não quis sair da região. Então, começamos a implantar acupuntura em posto de saúde.

Na administração da Prefeita Luiza Erundina, na década de 1990, havia uma abertura para a implantação dessas práticas, chamadas hoje pelo Governo de integrativas e complementares... Eu comecei a implantá-las no meu posto, acharam que eu poderia coordenar a região já que havia outras pessoas que praticavam. Durante a administração da Erundina eu fui o Coordenador da implantação dessas práticas na cidade de São Paulo; implantamos em 17 unidades de saúde e três hospitais gerais.

Com o PAS – administração de P. Maluf, o serviço foi desmontado e os profissionais transferidos para diversos setores com o intuito de acabar com essas ações multiprofissionais.

Concomitantemente a isto, fomos discutindo a história da acupuntura, que não era reconhecida por ninguém. O Conselho Federal de Medicina era contra e dizia que não tinha correlação com a medicina. Quando alguns conselhos começaram a regulamentar, por exemplo, a Biomedicina e a Fisioterapia, a Medicina regulamentou também como sendo uma prática médica. Neste momento, algumas lideranças começaram a reivindicar e trazer como bandeira principal que a acupuntura deveria ser feita única e exclusivamente por médicos. No entanto, não são todos os médicos que pensam desta forma.

Eu já estava fazendo acupuntura e nós começamos, dentro do Conselho de Psicologia, uma discussão com relação à acupuntura. Somente em 2002 que o Conselho Federal de Psicologia regulamentou a prática da acupuntura para o psicólogo, a exemplo do que os fisioterapeutas e os biomédicos já tinham feito. Nós criamos a Sociedade Brasileira de Psicologia e Acupuntura, SOBRAPA. Eu fui eleito o presidente dessa entidade e hoje estou no meu segundo mandato. No transcorrer desta discussão, o governo brasileiro também estava discutindo essa questão em conferências nacionais de saúde.

Então, na Oitava Conferência Nacional de Saúde, em 1986, o Brasil estava discutindo a proposta das Nações Unidas, que sugeria aos países membros adotarem as práticas integrativas e complementares nos seus sistemas de saúde. Em 1986, houve uma conferência realizada na cidade de Veneza, cujo resultado foi a Declaração de Veneza, realizada através de diversos colóquios, com a presença de vários pensadores, cientistas, políticos e profissionais. Esta declaração chamou atenção para a necessidade de aproximação de um lado das ciências ocidentais e de outro das tradições, como a acupuntura, por exemplo. A Declaração de Veneza tem um artigo muito interessante que descreve a necessidade de aproximação dos conhecimentos, não que a ciência tenha que engolir as tradições, nem que as tradições tenham que engolir a ciência; o espírito não é esse. O espírito é de conseguir pegar o que o Ocidente produziu de melhor, associar com o melhor que o Oriente produziu e colocar a disposição das pessoas. Então, começamos a utilizar a Declaração de Veneza como uma bandeira para que houvesse essa integração.

Nós vivemos em um país extremamente carente. Na época, nós, os universitários, representávamos um por cento da população. Portanto, 99 por cento não tinha tido nenhum acesso à educação plena, entendendo como uma condição de ter acesso e conseguir terminar uma graduação. Então o que se discutia e discute até hoje é algo muito pequeno. Estamos numa discussão corporativista; esse corporativismo ao qual me refiro, infelizmente, é selvagem e canibal, que acredita que só se vai existir se o outro for destruído...

A Oitava Conferência Nacional acabou acatando essa sugestão internacional, em 1986. Somente em 2006, que o Conselho Nacional de Saúde aprovou a Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares e pediu para o Poder Executivo, no caso o Ministério da Saúde, que fizesse uma portaria efetivando essa aprovação. Então, saiu a Portaria 971, que deu um corpo de documento para essa situação. A Portaria 971, que diz das Práticas Integrativas e Complementares, chama a atenção da acupuntura e da medicina tradicional chinesa, salientando que deve ser uma prática multidisciplinar. O Conselho Nacional de Saúde criou também a Comissão Interministerial de Práticas Integrativas e Complementares cujo objetivo é discutir e acompanhar a implantação dessa política no Brasil. A minha entidade foi convidada para ter um assento nessa comissão, onde participo como presidente.

No pano de fundo disto tem algumas discussões acontecendo, por exemplo, o projeto de lei chamado Ato Médico, que tenta regulamentar a profissão dos médicos. Entre as categorias universitárias da área da saúde, o médico é o único que não tem a profissão regulamentada. É justo que a classe médica tenha a profissão regulamentada por lei, mas na elaboração do projeto de regulamentação da profissão, eles acabaram extrapolando um 'pouquinho' os seus objetivos ou deixando claro demais quais eram esses objetivos. Na nossa leitura, os objetivos parecem ultrapassar e muito a questão de regulamentar a profissão do médico; eles invadem outras categorias que já foram regulamentadas por lei. Apresenta um caráter estranho, invadindo a questão do ensino, da administração do serviço de saúde e do que seria privativo ou não dessa categoria, não observando ou mesmo desrespeitando as outras categorias.

Descobrimos, em 1986, que só avançaríamos nesta questão da saúde se conseguíssemos sensibilizar vários autores, várias ciências, vários profissionais, corresponsabilizar o paciente e a sociedade civil de uma maneira geral... Se todos nós discutíssemos a saúde pensando na questão do sofrimento, seja ele físico ou

emocional, não importa, avançaríamos mais... Precisamos nos conscientizar de que engenheiro, biomédico, eletricitista, curador, líderes comunitários, as ciências, as tradições e muito mais são absolutamente necessárias para conseguirmos avançar... O Ato Médico passa a impressão de querer avançar no sentido oposto disso... Infelizmente, a área da saúde sempre esteve centralizada na imagem do médico e parece que a visão biomédica, por exemplo, da questão do sofrimento não existe ou é insignificante.

Já tivemos problemas no passado, quando se iniciou essa discussão a saúde parecia que não avançava em outras direções... O Projeto do Ato Médico vai nesta direção novamente. Acabamos tendo outros embates, por exemplo, quando o Conselho Federal de Medicina entrou na justiça contra a Portaria 971, que é o resultado de ampla discussão no Conselho Nacional de Saúde, na qual a categoria médica estava participando. O mundo já vem discutindo a questão das outras práticas e a necessidade de aproximar várias formas de conhecimento há muito tempo... O movimento hippie da década de 1960 também favoreceu para ampliar a discussão...

No decorrer da minha graduação, nós tínhamos a impressão de que o Oriente não produzia pensadores e nem se desenvolvia, enquanto o Ocidente tinha a ciência e os grandes pensadores como o Freud, o Yung - Jung, Einstein e tantos outros... Não se conhecia nenhum pensador oriental, não se tinha nada do Oriente, parecia realmente que o Oriente não tinha feito nada, pois não tinha alopatia, nem homeopatia, nada disso. Então, como é que eles tratavam das pessoas durante cinco ou seis mil anos? Nós não tínhamos acesso, portanto parecia realmente que o Ocidente pensava e o Oriente comia arroz...

A partir da década de 1950 ou 1960, muito em função das desgraças que nós vivenciamos com a Primeira Guerra Mundial, com a Segunda Guerra Mundial, com a intolerância e a morte de milhões de pessoas, acredito que começamos a aprender a ser mais tolerantes e, principalmente, a dialogar... Acredito que um pouquinho dessa tentativa de conversar com a diversidade gerou as Nações Unidas. Nesta época, o nosso país se encontrava em plena ditadura militar e apesar de querermos aprender a conversar não conseguíamos.

Então em 1986, começamos a discutir, na área da saúde, o que havia além da alopatia, não que ela não era importante, mas questionamos o seguinte: 'Será que

existe alguma outra coisa além da alopatia? Existe algum outro tipo de conhecimento relevante além da ciência?’.

Então, para conseguir iniciar a discussão no meu conselho tive que forçar uma reunião, já que falar sobre isso, naquela época, era complicado. Quando começamos a questionar, éramos em grupo de 3 a 4 pessoas, o mundo já discutia o que eram práticas alternativas, quais desses conhecimentos poderiam efetivamente ser colocados na saúde... Segundo as Nações Unidas, a acupuntura tem cinco mil anos de histórias e observações e é praticada em um local onde a alopatia era estranha, portanto funciona ou não funciona? Conforme fomos discutindo e aprendendo, a situação acabou nos levando para uma discussão política. O nosso problema não era só a questão de comprovar ou não comprovar a eficácia da acupuntura, mas sim um problema político.

Nós tínhamos feito na Prefeitura um projeto que se chamava ‘Cinco Mil Anos’, referentes aos cinco mil anos da acupuntura, e atendemos cinco mil pessoas. A ideia deste projeto era do paciente fazer inicialmente um diagnóstico alopata e, posteriormente, uma reavaliação com acupuntura. Nós fazíamos uma intervenção de dez a 15 sessões de acupuntura. No momento em que eu alcançasse o meu objetivo, percebesse que o paciente estava melhor, a partir de métodos da MTC, eu reencaminhava para a médica alopata e ela fazia uma reavaliação. Desta forma, com o diagnóstico alopata e o tratamento pela medicina chinesa, percebemos que o resultado foi realmente fantástico. Elaboramos um relatório demonstrando a efetividade deste trabalho, encaminhamos para o Secretário de Saúde de São Paulo e fomos conversar com ele. Ele não foi receptivo e eu disse que se ele não estivesse interessado poderíamos ir embora... Com isso, entendemos que a questão não era lidar com o sofrimento, mas manter uma política rentável instituída.

A partir disto, nós temos a construção de uma sociedade extremamente corporativista. Então, primeiro houve a rejeição da acupuntura, depois, por não conseguir conter o seu avanço, a medicina quer a exclusividade de sua prática, a propriedade da acupuntura. Apesar de tudo isso, a acupuntura é extremamente forte, tanto pela sua história quanto pela eficácia do resultado.

A ciência não entende bem a acupuntura, mas em determinadas situações o resultado pode ser mensurado e foi isto que fez com que a acupuntura se tornasse

mais bem aceita. Antigamente, aconselhavam não fazer acupuntura, no entanto o paciente fazia meio escondido, falava com o amigo, que também fazia escondido... Hoje, nós temos a Portaria 971 que abre as possibilidades para as prefeituras implantarem... No entanto, temos alguns locais em que essa implantação é complicada, por exemplo, na cidade de São Paulo em particular – apesar de termos na rede diversos graduados especialistas ou especializados na acupuntura, há uma reserva para a classe médica.

Como eu falei, existem profissionais médicos que são grandes pessoas, que tem um pensamento voltado para o bem-estar social e o bem comum, no entanto, conheço bem a hegemonia médica.

Hoje, o Conselho Federal de Medicina, pela liderança que tem, conseguiu se isolar e com isso acabou tendo dificuldades de conversar com outros conselhos, no sentido de avançar nessas políticas mais contemporâneas. Então, é possível perceber em Brasília que o Conselho Federal de Medicina tem um discurso voltado para o passado. Esse grupo que participo é bem grande, tem com vários representantes, além da entidade que represento, tem o Conselho Federal de Fisioterapia, Conselho Federal de Biomedicina, Conselho Federal de Medicina, Conselho Federal de Enfermagem, representantes da Agência Nacional de Vigilância Sanitária, do Ministério da Saúde e do Ministério da Educação... Hoje, o Conselho Federal de Medicina, com relação a esta questão da regulamentação, está falando sozinho, porque não está conseguindo justificar algumas posições que façam as pessoas mudarem de opinião.

O acupunturista estuda a medicina tradicional chinesa que é estruturada numa base energética, na discussão do Yin e Yang e dos Cinco Elementos, considera o desequilíbrio energético como o fator desencadeante para o sofrimento tanto físico quanto emocional. O objetivo da própria estrutura terapêutica dessa área de saber é a questão do reequilíbrio energético, dessas forças Yin e Yang. O diagnóstico e a intervenção são montados a partir dessa ideia de desequilíbrio e reequilíbrio. Então, esse tipo de saber é completamente estranho para nós, os ocidentais; ele não nasceu na medicina alopática, pelo contrário, é muito diferente da medicina alopática. O profissional graduado na área da saúde precisa de um treino, para a psicologia são 1200 horas e a maioria dos conselhos compartilham esta ideia. Então não teria sentido fazer um diagnóstico alopático pensando no equilíbrio do Yin e do

Yang já que são estruturas de pensamento diferentes. O diagnóstico ocidental tem objetivos próprios e estrutura própria de pensamento, foi feito para uma realidade diferente, para uma intervenção terapêutica específica, usá-lo pensando na estrutura da medicina tradicional chinesa é incabível. O diagnóstico alopático é importante e a ideia central é trabalhar em conjunto, de acordo com a proposta das Nações Unidas. O resto do mundo entende a acupuntura em uma perspectiva técnica e multiprofissional, inclusive os orientais acham esquisitíssima essa discussão, visto que a alopatia veio depois como um complemento, da mesma forma como nós estamos fazendo com a medicina deles. O Oriente é cerca de dois terços do planeta; nós não somos a maioria, eles são a maioria...

Eu acredito que toda esta questão é muito mais política e corporativista. Se por acaso a acupuntura for considerada uma prática restrita ao médico o Brasil seria um dos raros países do mundo a ter esta posição, e, sem dúvida, isto seria um retrocesso.

Então a humanidade já avançou, já não é a acupuntura da psicologia, acupuntura da medicina brasileira, mas sim um patrimônio da humanidade, visto que a UNESCO já colocou na sua lista de patrimônio da humanidade.

A psicologia tem uma tradição de levar discussões para congressos, debates, fóruns, e uma coisa interessante que ocorreu durante esses encontros é que percebemos que acupuntura é acupuntura e psicologia é psicologia – a exemplo do CNP – Congresso Nacional da Psicologia. A psicologia tem uma construção na ciência, no campo das ciências humanas e da saúde, enquanto que a acupuntura vem da tradição, um pensamento – fruto da observação da natureza – diferente da construção metodológica a que são submetidos os fenômenos na ciência. Por isso adotamos a Declaração de Veneza, porque, de uma forma respeitosa, incentiva à aproximação entre essas duas formas de conhecimento. A psicologia entende a acupuntura como uma especialização, visando preservar sua condição de ser mais uma área de saber, mas entendemos que o termo especialidade representaria fortalecimento da prática profissional nos órgãos públicos, além de facilitar o diálogo com o campo da ciência...

Apesar de serem formas de conhecimento absolutamente distintas é possível aproximar e buscar interface. Se pensarmos no sofrimento, tanto a medicina chinesa quanto a medicina ocidental desejam intervir e entender esse sofrimento,

entendendo que esse sofrimento é de um ser humano e que está interligado com outras questões da nossa sociedade como acesso ao conhecimento, educação, transporte. A psicologia em particular tem um desejo de contribuir para que o ser humano consiga desenvolver todas as suas potencialidades de forma plena e entender o ser humano de uma forma muito parecida com o pensamento da medicina tradicional chinesa. A medicina tradicional chinesa vê esse ser humano de forma absolutamente íntegra integrada – parte física, emocional, social; entende esse ser humano dentro de um contexto, onde o meio o influencia e ele influencia o meio. A medicina chinesa entende que o indivíduo se desenvolverá se todo o meio se desenvolver também, compreende as relações do ser humano com as forças da natureza, se preocupa com a questão do desenvolvimento pleno deste ser humano e do sofrimento como resultado de um desequilíbrio... A ideia do acupunturista é reorganizar e reequilibrar essa pessoa para que esse sofrimento cesse e ela consiga caminhar com uma visão ampla. Então entendemos que a ciência psicologia – psicológica – e essa forma de conhecimento chamada de tradição têm muitas coisas parecidas, ambas almejam um ser humano que se desenvolva plenamente.

Nós focamos aspectos emocionais, mas para os chineses o energético vem antes da questão emocional e física. Há outras coisas que acreditamos serem facilitadoras, por exemplo, a Psicologia é fundamentada em bases filosóficas, todas as ciências humanas de uma maneira geral, e o interessante é que a medicina tradicional também... Ela está baseada na filosofia taoísta, o linguajar que usa é absolutamente simbólico, muito parecido com a psicologia. Nesta perspectiva, essa linguagem simbólica da psicologia pode conversar com a linguagem simbólica da medicina tradicional chinesa... Embora estes campos de saber apresentem diferenças, há muitas coisas parecidas e há espaço para o diálogo.

Acreditamos que seria muito ruim, como proposto por alguns médicos, que a medicina alopática submetesse a tradição aos princípios da medicina ocidental, supervalorizando esse conhecimento e posicionando o conhecimento ocidental como principal e o outro secundário ou terciário. Neste caso, perderá a alopatia e perderá a medicina tradicional chinesa e fugiremos da proposta da UNESCO de aproximação dos conhecimentos.

Um fato interessante é que a discussão desse conhecimento milenar vem chamando nossa atenção para as nossas tradições, resgatando os nossos fitoterápicos, nossos

chás, nossa medicina caseira e diversas outras intervenções que a população vem utilizando. Outro aspecto importante que essa discussão traz a tona é a necessidade de se olhar e autovigiar, porque fomos treinados a procurar o especialista, a ciência é que determina o que é bom ou ruim para o indivíduo... Não devemos fechar os olhos para as ciências e por tudo que ela aprendeu sobre a realidade, mas também seria muito ruim se nos afastarmos da tradição enquanto ser humano nessa longa jornada no planeta...

Sobre a questão da perda da base filosófica, temos três situações acontecendo: o primeiro ponto começou com a história das guerras, a matança, a destruição das culturas e das religiões, a intolerância e a imposição de um pensamento diferente. Então essa posição ocidental reflete até hoje, pois nos aproximamos numa condição de superiores ao Oriente, temos a ciência e o conhecimento... Foi assim que eu aprendi na faculdade, nunca estudei nenhum autor oriental, os pensadores orientais simplesmente não existem... Com a acupuntura e a história da medicina tradicional chinesa aprende-se que a civilização chinesa é riquíssima, como todas as outras civilizações, com suas histórias e barbaridades... Então, de que forma vamos nos aproximar do Oriente? Se nos aproximarmos desta forma, iremos apenas pegar esse conhecimento e usá-lo da forma que nos interessa e não é essa a proposta das Nações Unidas, e não é somente por causa das Nações Unidas, mas com o advento das desgraças da Primeira e da Segunda Guerra aprendemos que discutir é muito mais interessante que as guerras... No entanto, ainda não conseguimos conversar como iguais diante dessa diversidade, conversar com quem pensa diferente é muito difícil.

O segundo ponto, nós somos ocidentais e não orientais, e nunca seremos orientais. Então a nossa maneira de ver o mundo é baseada na nossa ciência e na forma de como fomos estruturando nosso conhecimento sobre o universo. Quando estudamos a medicina tradicional chinesa é natural que olhemos com esse olhar diferente, porque somos ocidentais e não vamos mudar... Nós aprendemos muita coisa com a nossa ciência, só não podemos achar que somos os donos do conhecimento... Este olhar justifica porquê muitas das pesquisas foram e são construídas com essa base...

O terceiro ponto é que a acupuntura se justifica enquanto acupuntura exatamente por causa das suas bases, se tirarmos essas bases, será qualquer coisa menos

acupuntura. Então, temos um movimento que acontece no nosso país que é a 'alopatização' da acupuntura, que consta de tratar sintomas através de pontos específicos para o determinado sintoma, por exemplo, usar o ponto para dor de cabeça porque é bom para dor de cabeça. Nós temos remédios que são muito bons para dor de cabeça, talvez fosse mais racional usar os nossos analgésicos se o objetivo é dor de cabeça. Então temos que tomar um cuidado, há realmente pontos bons para dor de cabeça, isso faz parte da acupuntura, mas acupuntura não é somente isso...

É absolutamente possível treinar um ocidental sem que abandone as suas bases, não precisa destruir tudo o que sabe, basta integrar os conhecimentos. No entanto, se quisermos 'alopatizar' a acupuntura, vamos reduzi-la e utilizá-la apenas para tratar sintomas como dor de cabeça, braço, joelho, nariz, olho, orelha...

A formação do psicólogo na acupuntura tem como objetivo formar profissionais capazes de entender a medicina tradicional chinesa e de propor interfaces... Por exemplo, tivemos uma aluna, orientanda que era da PUC Campinas e que fez mestrado em psicologia do desenvolvimento, e a argumentação que ela está utilizando é da medicina tradicional chinesa. Ela quis mostrar que a acupuntura poderia modificar o nível do estresse. Então, fizeram uma seleção de pessoas e aplicaram um instrumento que avaliava o nível de estresse daquelas pessoas. Através da avaliação da pesquisadora essas pessoas diagnosticadas com certo nível de estresse foram encaminhadas para acupunturistas, que fizeram uma reavaliação dentro dos princípios da medicina chinesa, investigando quais seriam esses desequilíbrios. Foi proposta uma intervenção individual dentro da medicina chinesa e depois de dez sessões foram encaminhadas para nova avaliação. Então, neste trabalho se pensou no estresse e no desequilíbrio energético. O resultado final é que os níveis de estresse diminuíram. Então, é possível, para questão do sofrimento, usar pensamentos e estruturas diferentes e propor interfaces...

Eu faço parte do grupo que acredita que a acupuntura tem o espaço dela e que esses cinco mil anos de conhecimento sobre o ser humano podem contribuir. Eu penso que as pessoas irão se beneficiar com esse conhecimento milenar, assim como os profissionais, pois poderão encontrar algumas respostas na acupuntura, como eu encontrei.

Como mencionei anteriormente, a acupuntura foi considerada Patrimônio da Humanidade... O presidente Lula, na época, fez um decreto presidencial ratificando. Apesar das nossas disputas e desacordos internos, o mundo está andando, gostemos ou não... Acredito que a acupuntura veio para ficar, eu pratico acupuntura há 25 anos, trabalhei dez anos no serviço público, vindo de onde nós viemos e onde estamos hoje, nós avançamos muito...

Eu me lembro de uma passagem do Freud muito interessante que na Segunda Guerra Mundial, em Londres, um jornalista perguntou a ele: 'Doutor Freud, o senhor sabia que estão queimando seus livros em praça pública em Viena? O que o senhor pensa disto?', e ele falou assim: 'Eu acredito que evoluímos muito!', o jornalista interpelou: 'Mas como Professor? Estão queimando os seus livros em praça pública!', e Freud respondeu: 'Sim, antigamente queimariam a mim!'.

Segundo a medicina tradicional chinesa e a filosofia taoísta, o caminho da evolução não é uma reta, ele sofre altos e baixos. Nós estamos oscilando, temos altos e baixos, idas e vindas... Como diz a medicina chinesa, sempre foi assim e sempre será assim; esses altos e baixos fazem parte da luta.

Independentemente da cidade de São Paulo, as cidades do Nordeste e do Norte estão implantando a acupuntura no serviço público. Temos alguns percalços no meio do caminho, por exemplo, uma discussão da questão da acupuntura sendo utilizada por outros profissionais e se os conselhos podem ou não, através de uma resolução, regulamentar a prática da acupuntura. O juiz federal da primeira instância disse que os conselhos poderiam regulamentar e foi o que fizeram... Recentemente, temos uma discussão contrária, na segunda instância do Tribunal Federal Regional – TRF1, dizendo os conselhos não podem regulamentar a acupuntura, pois estariam ampliando seu campo de atuação. Os conselhos estão recorrendo ao Tribunal Superior e ao Supremo Tribunal Federal. Se este ou aquele profissional não pode fazer, essa determinação fere o direito líquido e certo de manifestação de exercício, porque não existe regulamentação da prática da acupuntura no país.

Eu sinceramente acredito que poderíamos avançar mais se tivermos como alvo principal o conhecimento, o saber, o ser humano, os profissionais e os pesquisadores, os que estão se beneficiando com essas práticas. Temos uma acupuntura de excelência no Brasil, talvez pela nossa diversidade de cultura, conseguimos ouvir bem o diferente. Esse tempero do nosso povo é muito curioso,

temos uma capacidade muito grande de conversar e ouvir. Conseguimos falar de religião, ciência, filosofia e outros assuntos, sem ficarmos escandalizados... Eu acredito que por causa disso fizemos uma acupuntura maravilhosa, em alguns aspectos melhor do que os americanos e os europeus. No entanto, temos problemas complicados como o nosso corporativismo, o nosso coronelismo.

Na época da minha formação universitária, eu participei de uma audiência pública no Senado brasileiro e falei o seguinte: 'Se nós pegarmos todos os universitários, pensando apenas nos universitários, bioquímico, botânico, matemático, biomédico, fisioterapeuta, engenheiros, geógrafos, pedagogos e todos os demais... e supondo que todos quisessem fazer acupuntura, nós seríamos um por cento em relação ao restante do país, um grupo insignificante diante da grande necessidade da população.'

A questão do Ato Médico é muito complicada, pois hoje já temos uma infinidade de problemas de mão de obra na área da saúde... Se o Ato Médico for regulamentado dificilmente a classe médica teria condições de fazer sozinha todos os procedimentos referidos no Ato Médico, quem trabalha na área da saúde sabe disso. Então se a estrutura da saúde estiver apoiada no Ato Médico engessará toda a saúde e todo o SUS ficará prejudicado.

Nós sofremos muito preconceito! Nos anos de 1990 eu era o coordenador das práticas integrativas e quando a administração discutia a privatização da área da saúde, montaram um ofício que foi encaminhado a vários conselhos, para que eles se posicionassem com relação à utilização da acupuntura por seus profissionais. Entretanto, os conselhos ainda estavam avaliando esta questão.

Nesta época, percebi que a medicina tradicional chinesa fazia parte de um grupo à parte da ciência, com um conhecimento que fugia a essas regras, que se assemelhava à bruxaria, magia ou algo exotérico dentro da visão ocidental...

Foi a partir de 1994, quando a prática e o acesso à acupuntura foram permitidos na minha categoria, que se iniciou uma discussão produtiva na psicologia. Começamos a ter seminários, debates, procurando entender o que eram as práticas integrativas, como é que o governo, as Nações Unidas, as universidades vinham tratando deste assunto...

Na minha categoria tem muitas passagens assim, nós éramos psicólogos e era um direito nosso de se manifestar; então o conselho precisava ouvir, mas ao ouvir teve algumas passagens de conselheiros não aceitavam de maneira alguma e queriam partir até mesmo para uma violência física... Atualmente não é mais assim, falar de medicina tradicional chinesa ou de práticas integrativas, em qualquer fórum acadêmico, é uma acolhida diferente, mas há 25 anos era complicadíssimo...

Naquela época, lutamos pela possibilidade do direito de ter acesso ao conhecimento como ser humano e não para regulamentar a prática... Hoje o acesso não é mais vedado, todas as 14 categorias que atuam na área da saúde regulamentaram a acupuntura e isso prova a força desse conhecimento...

Eu sou a favor da democratização do saber, do direito ao acesso a informação, seja ela de qual área for... Gosto muito da ideia do livre pensador, acredito que o indivíduo tem a possibilidade de discutir a informação e se posicionar a favor ou contra; não tem nenhum problema de se posicionar contra ou se posicionar a favor... Sem dúvida, a ciência vai ganhar integrando as outras formas de conhecimento e não precisa ser menos ciência por aceitar as outras formas de pensamento.

Eu sou absolutamente apaixonado pela medicina tradicional chinesa e pela psicologia... Há pontos de convergência, só precisa respeitar os instrumentos.

O Brasil conseguiu, apesar de vários percalços, fazer uma Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares, que é excepcional. Se pegarmos o SUS, que é uma referência mundial mesmo com todos os problemas, e compararmos com vários modelos internacionais, nós estamos muito avançados... Então temos o nosso jeito, desentendimentos, brigas internas, pequenas e grandes, mas percorremos um caminho fantástico, caminhamos muito... Construimos uma acupuntura de altíssimo nível, temos grandes pessoas e profissionais com uma visão ampla apesar de tudo, das nossas discussões, idas e vindas, interesses.

Nosso país apresenta várias culturas, conhecimentos, povos, formas de falar, formas de se vestir, folclores, temos um país rico e que está fazendo uma acupuntura linda. É um caminhar, às vezes, dolorido... A implantação que o Norte e Nordeste estão fazendo é uma lição para o Sul e para o Sudeste.

Eu participo do Conselho Nacional de Saúde e sofro um pouquinho por falar o que penso, mas não consigo ser diferente. E é um lugar absolutamente de embate, que

dialoga com a indústria farmacêutica, com esse grupo que hoje está no poder no Conselho Federal de Medicina, e também com outras lideranças. É complicado e sofrido para todos, mas é a minha condição atual, como uma das pessoas que representa um grupo e uma forma de pensamento. Isto, sem dúvida, faz parte do jogo...

Eu não quero chegar ao ponto de morrer sem ter feito a minha parte. Eu desejo muito que as pessoas tenham acesso a acupuntura, sejam os usuários ou profissionais... Ela é lindíssima, são cinco mil anos de conhecimento sobre o ser humano que não dá para colocar de lado; e essa é minha bandeira... Eu sou apaixonado e vivo intensamente acupuntura... Eu me dedico tanto no consultório, quanto na supervisão para acupunturistas, pois tenho um curso de formação em acupuntura que acontece no final de semana... E o tempo que me sobra eu leio acupuntura por lazer... Então é a minha vida, não conseguiria não fazer isso...

Aquele que quer estudar as práticas integrativas e complementares, entre elas a medicina chinesa e particularmente a acupuntura, deve colocar principalmente amor, dedicação e carinho, pois são qualidades importantíssimas, até mesmo pensando socialmente... Nós temos um país que está precisando muito do amor, da dedicação e do trabalho bem feito...

Eu tive a oportunidade de conhecer pessoas de outros países e temos profissionais brasileiros praticando uma acupuntura de altíssimo nível tanto aqui no país quanto no exterior. Há muita gente apaixonada pela acupuntura apesar dos vários interesses...

A acupuntura é forte, só o fato de estar viva após cinco mil anos e tudo mais prova isso... A história da acupuntura tem muitos percalços difíceis, ela foi proibida, houve perseguição das pessoas que praticavam, tanto no país quanto no exterior... O fato de estar viva mostra o quanto é forte e vitoriosa, enquanto estrutura de pensamento e de vir de onde veio, porque se tivesse nascido nos Estados Unidos ou na Europa seria mais fácil; mas veio de um país periférico, com uma cultura muito diferente, um país fechado e mesmo assim conseguiu chegar aonde chegou, é realmente incrível! Hoje a acupuntura está nas portas das universidades, despertando o interesse no pessoal, no jovem pesquisador...

Uma vez, conversando com o Professor Evaldo, ele disse que não conseguia ver a acupuntura regulamentada e eu também não. Passado esses 25 anos, eu estou surpreso com o que já aconteceu com a acupuntura... eu não achei que chegaria tão longe, não ao ponto de poder estar falando abertamente com você sobre acupuntura, por exemplo.